

IMPERIALISMO E ORGULHO NOS EUA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 09.03.1982

Durante a última reunião anual da Latin American Studies Association (LASA), que terminou no dia 6 de março, dois eventos foram marcantes: o discurso do Ministro da Agricultura e Reforma Agrária da Nicarágua sobre a revolução no seu país e as relações da Nicarágua com os Estados Unidos e a exibição do filme El Salvador: um outro Vietnam, que tem como um de seus dois diretores uma brasileira hoje vivendo nos Estados Unidos: Tetê Vasconcelos.

A LASA é uma associação que reúne os latino-americanistas dos Estados Unidos e conta sempre com a presença de um considerável número de intelectuais latino-americanos, inclusive brasileiros. Não é em absoluto uma associação de esquerda. Reúne o stablishment norte-americano que estuda a América Latina. Houve também manifestações de direita, com a presença de representantes do Governo norte-americano. A maioria das reuniões naturalmente, tinham caráter científico.

Mas foram aquelas duas manifestações que chamaram mais fortemente a atenção e contaram com maior platéia. Porque ambas trataram de um mesmo e candente tema: o imperialismo dos Estados Unidos sobre a América Central.

O discurso do Ministro da Agricultura e Reforma Agrária da Nicarágua, precedido e terminado com demorados aplausos, foi patético. Ele se dirigiu não apenas àquela assembléia de intelectuais mas a todo o povo norte-americano. Denunciou de forma vigorosa e ativa o intervencionismo do Governo Reagan. E ao mesmo tempo procurou demonstrar o respeito da revolução nicaragüense pela democracia, mas também pela propriedade privada. Não negou o caráter popular da revolução, mas evitou a radicalização. Advertiu, entretanto, que se a hostilidade norte-americana não terminar, poderá haver uma radicalização indesejável na Nicarágua ou então uma tragédia.

O filme sobre El Salvador, por sua vez, é uma extraordinária e bem documentada denúncia contra os militares e os democratas-cristãos no Governo e contra o apoio que vêm recebendo dos Estados Unidos.

Mas este filme deixa também claro que a política agressiva do Governo Reagan conta cada vez com menor apoio do povo norte-americano. O título do filme sugere um fato que uma viagem de duas semanas aos Estados Unidos deixou claro. O povo norte-americano está diante de um novo Vietnam.

E diante disso a insatisfação interna é crescente. Da mesma forma que o Governo Reagan desmoraliza-se no plano econômico com sua “economia da oferta”, ele desmoraliza-se no plano internacional com seu militarismo e seu imperialismo. Os bispos católicos norte-americanos, que são muito mais conservadores do que os brasileiros, manifestam-se contra o envio de armas e “assessores” militares norte-americanos. No Congresso a oposição é cada vez maior, inclusive porque as acusações do Governo sobre intervenção de Cuba e da Nicarágua em El Salvador não podem ser comprovadas.

Mas há pouca probabilidade que o verdadeiro genocídio que está ocorrendo em El Salvador com o apoio do Governo norte-americano venha a se interromper. Os Estados Unidos são hoje um país decadente, em profunda crise, apesar de todo o seu imenso poder. As revoluções na Nicarágua e em El Salvador não prejudicam muito efetivamente os Estados Unidos. David Rockefeller deixou muito claro recentemente que nem mesmo em um país comunista como Angola os interesses econômicos norte-americanos estavam sendo prejudicados. Ora, na Nicarágua ou em El Salvador não há uma revolução comunista, mas de esquerda democrática. O que é afetado, entretanto, é o orgulho e o ressentimento das classes dominantes norte-americanas. E é sobre esse pilar que Ronald Reagan apóia sua terrível política.(09/03)